



Entrevista coletiva concedida pela Presidenta da República, Dilma Rousseff, após visita à Universidade de Coimbra

Coimbra-Portugal, 29 de março de 2011

Jornalista: Presidente, que notícias a senhora tem do vice-presidente José Alencar e como é que a senhora está acompanhando a situação?

Presidenta: Olha, eu tenho acompanhado a partir dos médicos do Vice-presidente e a notícia que eu tenho é que ele voltou ao hospital e que a situação dele inspira cuidados e que está todo mundo acompanhando, na medida em que ele sempre surpreendeu, não é? Ele sempre foi aquela pessoa com uma imensa capacidade de amar a vida e, portanto, ele surpreende sempre. Então, a gente acompanha com muito carinho e com muita preocupação.

Jornalista: Presidente, o Judiciário está dando um mau exemplo com essa intenção de fazer uma greve anunciada para o final do mês de abril?

Presidenta: Olha, eu represento o Poder Executivo, então, eu, em relação ao Judiciário, tenho uma postura bastante de respeito. Acho que o que o Judiciário resolver encaminhar, a partir da condição de Judiciário, é uma questão dele, da autonomia dele, da independência que ele deve ter em relação ao Executivo. Agora, em geral, eu geralmente considero que é melhor sempre a gente esgotar o caminho do diálogo antes de tomar alguma atitude mais drástica.

Jornalista: Presidente, como o Brasil pode ajudar Portugal neste momento de crise? Comprando títulos portugueses? Como isso pode ser feito?



Presidenta: Olha, o Brasil tem um compromisso com Portugal e sempre vai ter. Nós temos investimentos de Portugal no Brasil e temos investimentos do Brasil em Portugal. E temos parcerias entre as empresas brasileiras e as empresas portuguesas em todas as áreas: de telefonia, energia elétrica, petróleo. A Galp e a Petrobras têm várias parcerias, por exemplo, em blocos de exploração. A EDP participa do setor elétrico brasileiro. É parceira de Furnas, por exemplo, em Peixe Angical, que é uma grande hidrelétrica. A PT Telecom tem relações com a Oi. No caso dos títulos, nós temos de cumprir os requisitos que dizem respeito ao uso das reservas no Brasil, à compra de títulos da dívida. Quais são os requisitos do Banco Central? É que sejam títulos que tenham uma classificação que é, se eu não me engano, *triple way*, para que se compre os títulos...

Jornalista: Então, Portugal está fora? Então, isso inviabiliza?

Jornalista: É, não é o caso.

Presidenta: A única alternativa que nós vemos para esse caso é a possibilidade de você comprar títulos que não são *triple way* com garantia, aí tem de ter garantia, ou garantia real, ou de algum, vamos dizer, algum ativo que supra essa deficiência. Isso é uma questão de negociação.

Jornalista: Tem alguma outra forma que o governo brasileiro possa ajudar o governo português, e já foi feito algum pedido formal ou a senhora está se antecipando, antes da conversa com o Presidente?

Presidenta: Não, não. A mim não foi feito assim um pedido formal. Você está falando por escrito? Nunca.



Jornalista: Ou alguma comunicação.

Presidenta: Já houve várias discussões a respeito, mas nada conclusivo. Agora, é necessário isso. Nós, no Brasil – e eu acho que vocês sabem disso – nós temos regras estritas para o uso dos recursos decorrentes das reservas que nós acumulamos ao longo dos anos.

Jornalista: Mas a senhora quer ajudar?

Jornalista: A senhora chegou a determinar...

Presidenta: Nós queremos ajudar, sempre queremos. Por que nós queremos ajudar? Porque Portugal não é um parceiro qualquer do Brasil. Portugal é uma economia aqui da União Europeia, mas é também o país com o qual nós temos uma ligação umbilical, no sentido literal da palavra; culturalmente falando, politicamente falando, nós somos frutos de um processo que foi o dos grandes descobrimentos. E Portugal marcou a vida do nosso país. Então, a relação com Portugal não é uma relação qualquer, é uma relação especial. Nós iremos fazer tudo que for possível para ajudar Portugal dentro da nossa legislação.

Jornalista: A senhora chegou a determinar algum estudo (incompreensível)

Presidenta: Não. Eu... você entende? Eu acho que essas coisas não se oferece; se discute se for colocado na mesa.

Jornalista: A senhora chegou a determinar no Brasil algum estudo (incompreensível)...



Jornalista: Houve mudança no discurso de erradicação da pobreza extrema, que a senhora tinha falado que teria proposto... prometido que seria excluída no seu governo, houve alguma alteração nessa...

Presidenta: Não, não houve. Deixe eu explicar: nós pretendemos que todo o Brasil assuma que essa é uma questão, eu acho assim, decisiva para o país. Eu não acredito que o Brasil será um país rico se houver esses milhões de brasileiros que nós temos abaixo do que nós consideramos a linha de corte da pobreza, que são os R\$ 70,00 *per capita*. Nós vamos fazer um grande esforço nos meus quatro anos de governo para fazer a eliminação da pobreza. Chega um ponto, como foi o caso, por exemplo, do [programa] Luz para Todos, nós conseguimos chegar aos 12 milhões de pessoas que não tinham luz elétrica, que era o que a gente supunha que era a população que, no Brasil, vivia no escuro. Nós iluminamos essa população. Agora, descobrimos que tinha mais 1,5 milhão. Assim que começamos, que nos aprofundamos no tema. A pobreza, a partir do momento... você só trata dela se você localizar aquela família pobre e seus problemas específicos. É o que alguns estudiosos da pobreza, como o **Marcelo Neri**, mas, sobretudo, aquele menino, o Barros... Ricardo Paes de Barros, eles chamam de customização da política. Você tem de dirigir a política e focá-la para aquela pessoa, porque, a partir de um determinado momento, você começa a ter uma grande elasticidade.

Então, ninguém pode prometer que vai... que a eliminação é igual a zero. Você pode tender a isso e apostar que você, ao se aproximar do foco seu, por exemplo, se é 19, se é 21 – eu até prefiro não falar se é 19 ou 21 milhões – por que eu prefiro? Ou se é 14. Porque tem... esses números existem, e, agora, quando o IBGE liberar os microdados, nós vamos saber com precisão quantos são. Mesmo assim, você vai ter de continuar apurando. Porque a pobreza tem cara no Brasil, a gente sabe que ela é negra, que ela é feminina, que ela é criança, que ela mora no Norte e no Nordeste



preferencialmente. Mas também você tem o Norte e o Nordeste lá no Sul do Brasil, na metade sul do Rio Grande [do Sul], por exemplo; você tem ali em São Paulo, no Vale do Ribeira; você tem no Vale do Jequitinhonha, em Minas Gerais.

Então, nesses estados e para essas pessoas, tem uma coisa que nós vamos ter de enfrentar: a capacidade de a gente não só ter o programa para tirar pelo menos as crianças da pobreza, mas como gerar renda para aquelas comunidades; como garantir que aquela comunidade... muitas vezes, ela vive do artesanato. No dia que eu fiz aquela exposição lá no Palácio do Planalto, lá tinha o Abaporu, que custa milhares de dólares. Mas eu coloquei também bonequeiras do Nordeste. Por quê? Porque eu tenho consciência de que tem um pedaço da nossa população que encontra no artesanato – e, aliás, um artesanato belíssimo, de alta qualidade – uma das suas fontes de renda.

Por isso é que, quando eu concluir o projeto da Secretaria de Micro e Pequenas Empresas... de Micro, Pequenas e Médias Empresas, eu vou focar muito nessa questão da criação de renda alternativa, de renda para o microempreendedor. Porque, caso contrário, tem certas regiões do país que você não dinamiza só com a política social ou só com a política de desenvolvimento econômico. Tem de ter, focado naquela região, naquela comunidade, tem de ter políticas específicas.

Jornalista: Presidenta, a senhora vai jantar com o presidente Lula hoje à noite, vai aproveitar para desfazer um eventual mal-estar em relação ao fato de ele não ter ido ao almoço do Obama?

Presidenta: Bom, ô gente, o mal-estar é de vocês, porque eu e o presidente Lula não temos nenhum mal-estar.

Jornalista: O que a senhora...



Presidenta: Continuamos sistematicamente nos encontrando, de 15 em 15 dias, aproximadamente. Até porque nós sempre temos muito o que conversar. Vocês nunca se esqueçam, eu trabalhei com o presidente Lula, é assim: diariamente e, às vezes, também até tarde, altas horas da noite, durante sete anos, seis anos e meio, praticamente. E antes eu também trabalhava, só que não era tão... tão assim direto. E, aí, eu tenho, com o presidente Lula, um acúmulo de experiência comum que, para mim, é muito importante. Ele é um grande interlocutor para mim. O presidente Lula é um estadista, que eu acredito que esteja praticamente reconhecido no mundo inteiro. Você pode até ter um lugar ou outro que não reconheça, mas que ele é um grande estadista, ele é. Uma pessoa com uma baita experiência de Brasil, com uma imensa sensibilidade política e com conhecimento.

Eu gostaria de saber a troco de quê eu não vou compartilhar não só a minha amizade, que eu tenho uma relação afetiva com ele, não vou compartilhar a minha amizade com ele e a experiência. Nós... Vocês podem tentar tudo, mas é impossível separar a minha trajetória da trajetória do presidente Lula. Isso não significa que eu e ele sejamos as mesmas pessoas, nós não somos. Mas nós somos pessoas que atingiram um patamar de respeito, de, eu acho, pelo menos da minha parte, de elevada admiração, e com quem eu tenho, assim, imenso... sempre que eu tiver oportunidade, tenho imenso prazer em compartilhar com ele as minhas horas e a minha experiência.

Jornalista: É o principal (incompreensível) da senhora?

Presidenta: Agora, eu hoje estou aqui principalmente porque eu acredito que é uma homenagem merecida o presidente Lula receber o título de Doutor Honoris Causa na Universidade de Coimbra. Por que é merecido? Porque o



Presidente fez uma coisa que eu acho que a poesia portuguesa dá conta: ele construiu castelos com as pedras do caminho. Ele fez isso, e acho que uma pessoa que faz isso é Doutor na construção e na mudança de um país.

Jornalista: (incompreensível)

Presidenta: ...vários brasileiros aqui, em todas essas áreas, não é? Tem em Advocacia, Letras. Mas eu gostei muito de saber, e aí vocês podem perguntar isso para o meu querido Fernando Haddad, que passou sorrateiro por aí, tem na área de Matemática, na área de Física, de Química e de Biologia, e também (incompreensível).

Então, eu acho que é óbvio que a concentração é mais nessas áreas de Exatas, mas é importante que a gente veja o que está acontecendo. Eu pretendo, inclusive, na visita do presidente Obama nós tratamos disso, que é aumentar a quantidade de brasileiros e brasileiras estudando no exterior, tanto na graduação como no pós. Isso é importante para nós, é importante para o país, para a gente poder criar uma base capaz, cada vez mais, de gerar inovação. Tchau para vocês.

Jornalista: Obrigado.